HALUZAH

I.

• • •

E Deus disse que houvesse luz, e depois criou das trevas tudo o que podemos ver, tocar, sentir.

Depois Deus criou Adão, e para ele criou Lilita, mas ela era má e brigava com Adão, até que um dia mordeu o fruto proibido.

Deus irou-se e expulsou Lilit para a floresta nos confins do Paraíso.

Depois Deus tomou da costela de Adão e soprou nela e fez Eva.

E viviam Adão e Eva no paraíso sem aflições, sem dores, quando a serpente ao crepúsculo e ao amanhecer, na fronteira entre a luz e as trevas, vinha à última árvore nos confins do Paraíso para falar e rebolar-se com Lilita.

A serpente, o diabo, Lúcifer, outrora fora o mais amado de Deus, o mais belo, luminoso e sapiente dentre os anjos, até que comeu do fruto proibido.

E assim creu que podia estar à altura de Deus, mas não houve mais luz para ele e expulsou-o às trevas com os seus companheiros.

Para não se tornarem um só com as trevas, os demónios tomam a seiva e o sangue do sopro e da vida dada por Deus e alimentam-se dela, e assim fez a Serpente pacto com Lilita.

Pois ela tornara-se mortal ao morder o fruto proibido e o tempo passava sobre ela e a envelhecía.

E disse-lhe a Serpente que abrisse a porta do paraíso e o chamasse para dentro, e em troca a serpente mordeu-a e meteu-lhe veneno e jazeu sem sentidos.

Assim foi a serpente e tentou Eva a morder o fruto proibido, e Eva foi e tentou Adão, e tornados mortais, o Senhor expulsou-os para a terra.

E o diabo voltou a Lilita e espremeu-lhe do fruto sobre a boca e ela despertou e partiram para as trevas.

Depois o Senhor expulsou Adão e Eva para a Terra e disse-lhes: ide e multiplicai-vos. E eles e os seus descendentes trouxeram sacrifício ao Senhor.

II.

• • •

O Senhor viu que na sua bondade os mortais da terra eram fracos, e nas trevas Lúcifer e Lilith permaneciam sós, pois os seus companheiros haviam sido engolidos pelo vazio.

E falou o Senhor com eles ao crepúsculo e ao amanhecer para que levassem à terra e pusessem ovo e semente entre os mortais, para que nascesse através das gerações o homem iluminado que governaria a terra.

E chamou o Senhor Adão e Eva e disse-lhes:

> *Do vosso sangue sairá uma estirpe fraca e da sua fraqueza perecerá. E falei com os das trevas para que venham à terra e se misturem convosco e com os vossos descendentes. Da mistura sairá o homem que poderá carregar o peso da terra.*
>
> *Por isto pagarão as mulheres com dor no parto e os homens com fadiga até à morte. Aceitais?*

Aceitaram e encheu-se a terra de homens e de gigantes e de nefilim, criaturas que não eram nem homem nem demónio, e viveram na terra até que esta se encheu de fruto.

III.

• • •

Os homens viviam com os gigantes e os nefilim e multiplicaram-se e frutificaram, até que estes últimos começaram a tomar o fruto do homem e crianças demasiado jovens.

E os homens, para os aplacar, começaram a trazer-lhes sacrifício, e Deus irou-se.

Então Noé orava pela sua família, pelos homens, por proteção contra gigantes e nefilim, e o Senhor apareceu-lhe e disse-lhe que fizesse a arca.

Noé seguiu a palavra do Senhor e embarcou na arca a sua estirpe e um par de cada animal que o Senhor lhe indicou.

Depois do dilúvio a Terra foi purificada das trevas por um tempo.

IV.

• • •

Multiplicaram-se os homens depois do dilúvio e esqueceram as trevas e os gigantes e começaram a edificar.

E disseram entre si: façamos uma torre até ao céu para chegarmos ao Senhor.

O Senhor disse a si mesmo: o homem é mortal, não pode viver nos céus.

E misturou o Senhor as suas línguas e dispersaram-se pela face da terra, e a torre ficou por acabar.

V. ABRAÃO

• • •

Dentre os homens dispersos pela face da terra, o Senhor escolheu Abraão, pois viu nele um homem capaz de segurar na mão tudo o que ama.

E pensou Deus que se este homem pudesse renunciar a tudo e segui-lo em tudo, poderia fazer a sua vontade entre os homens.

Falou-lhe e disse: sai da tua terra e vai para onde eu te mostrar.

E partiu Abraão sem perguntar.

Deu-lhe o Senhor terra e rebanho e prometeu-lhe descendentes inumeráveis como as estrelas. Mas Sara, sua mulher, era estéril e os anos passavam sobre eles.

E disse Sara a Abraão: entra à minha serva Agar e toma dela o filho que eu não posso dar-te.

Entrou Abraão a Agar e nasceu Ismael. E com Ismael nasceram os povos do deserto.

Mas o Senhor não esquecera a promessa e na sua velhice Sara deu à luz Isaac. E por Isaac passava toda a aliança.

E falou o Senhor com Abraão e disse-lhe: vai ao monte e sacrifica-me o filho.

Foi Abraão sem perguntar.

Quando ergueu a faca, o Senhor deteve-lhe a mão e disse-lhe: agora sei que não serves a nada senão a mim.

E esta foi a primeira prova de que da estirpe misturada pode sair um homem capaz de segurar na mão tudo o que ama e de poder largá-lo.

VI. SODOMA E GOMORRA

• • •

Chegaram aos ouvidos do Senhor os clamores de Sodoma e Gomorra, pois os homens de lá haviam caído no prazer pelo prazer e no mal pelo mal.

Enviou o Senhor dois anjos para ver.

Quando Abraão viu os anjos irem para Sodoma, correu ao Senhor e disse-lhe: se houver cinquenta justos na cidade, perdê-los-ás com os maus?

E disse o Senhor: se houver cinquenta, poupo-os.

E disse Abraão: e se forem quarenta?

E disse o Senhor: se forem quarenta, poupo-os.

Desceu Abraão até dez e o Senhor disse: se forem dez, poupo-os.

Não eram nem dez.

Saiu Lot, sobrinho de Abraão, da cidade com os seus, e o Senhor enviou fogo do céu.

E a mulher de Lot olhou para trás e tornou-se estátua de sal.

Arderam Sodoma e Gomorra e não ficou nada.

Esta foi a prova de que o homem sem gigantes, sem nefilim, sem trevas, pode merecer o fogo sozinho por escolha.

VII. MOISÉS

• • •

Multiplicou-se a estirpe de Abraão no Egito e tornou-se escrava sob o faraó.

Quando o faraó viu que os hebreus se multiplicavam, teve medo e ordenou que fossem mortos todos os primogénitos varões.

Uma mãe pôs o filho num cesto sobre o Nilo e deixou-o ao sabor da água.

Encontrou-o a filha do faraó e criou-o como príncipe no palácio e chamou-o Moisés.

Cresceu Moisés e viu um egípcio a bater num hebreu e matou-o e fugiu para o deserto.

Pastoreava rebanhos e olhava para o chão. As suas mãos sabiam o que tinham feito. Não falava disso. Nem com o rebanho, nem consigo mesmo.

Um dia viu uma sarça que ardia e não se consumia. Parou. Pôs a mão nos olhos para ver melhor. A sarça ardia. A sarça não se consumia.

Ouviu a voz do Senhor: tira as sandálias. O lugar onde estás é santo.

Tirou as sandálias e ficou descalço sobre a pedra e não disse nada.

Disse o Senhor: vi o sofrimento do meu povo no Egito. Vai ao faraó e liberta o povo.

E disse Moisés, com os olhos no chão: eu não sou homem de palavras. Manda outro.

A voz não lhe respondeu com argumentos. Não lhe prometeu que saberia falar ou que o faraó o ouviria.

Disse o Senhor: vai.

E Moisés levantou-se e tomou o seu cajado e foi. Com as suas mãos manchadas. Com a sua voz pequena. Com todo o seu medo às costas.

Foi ao faraó e o faraó não ouviu e o Senhor feriu o Egito com dez pragas até que o faraó deixou ir.

E saiu o povo do Egito e quando o exército do faraó os alcançou no mar, o Senhor separou as águas e passaram, e as águas fecharam-se sobre o exército.

Quarenta anos caminharam pelo deserto. Um povo que esquecera o que era antes das correntes não sabia sequer como ser livre, e a liberdade teve de aprendê-la passo a passo na areia.

E subiu Moisés sozinho ao monte Sinai e esvaziou-se de tudo o que era seu e esteve quarenta dias e quarenta noites sem comida, em meditação.

Quando a sua mente estava vazia e o coração puro, Deus deu-lhe a lei:

1. Eu sou o Senhor teu Deus — não terás outros deuses diante de mim.
2. Não farás para ti ídolo nem imagem e não te prostrarás diante deles.
3. Não tomarás o nome do Senhor em vão.
4. Lembra-te do dia de descanso e santifica-o.
5. Honra teu pai e tua mãe.
6. Não matarás.
7. Não cometerás adultério.

8. Não furtarás.
9. Não darás falso testemunho contra o teu próximo.
10. Não cobiçarás nada do que é do teu próximo.

VIII. DAVID

• • •

Da estirpe de Abraão saiu David, um rapaz pequeno com uma funda que pastoreava ovelhas.

Veio Golias, o último dos gigantes, e pôs-se diante do exército e gritou: mandai-me um homem que lute comigo.

Foi David com a sua funda e uma pedra e derrubou Golias, e caiu o último gigante sobre a terra.

Samuel ungiu David e desde aquele dia o Espírito do Senhor estava sobre ele e David sabia de um modo diferente dos demais.

Deus ungiu David rei e deu-lhe vitórias sobre os inimigos, terras do mar aos montes e mulheres em abundância, pois um homem capaz de carregar o peso de um reino pode carregar também o peso de mais casas.

Um dia David viu do terraço Bate-Seba, mulher de Urias, e desejou-a.

Ficou a olhar. Sabia de quem era o nome nos lábios dela pela manhã. Sabia onde estava o marido dela naquele momento. Urias lutava nas guerras de David, longe, com lealdade.

Soube e mandou buscá-la.

Chamou-a e tomou-a e mandou ordem ao general: ponde Urias na frente da batalha e retirai-vos de junto dele.

O general leu a carta. Urias não soube de nada. Morreu com o rosto para o inimigo, fiel até ao fim a um rei que o vendera.

Irou-se o Senhor, pois acreditara que era homem de luz.

Caiu David sozinho no seu aposento e desmoronou-se perante Deus e não pediu perdão e não se justificou, mas esteve ali em silêncio e em vergonha.

Não disse: errei, mas. Não disse: sabes como são os homens. Esteve no que fizera e deixou que o peso lhe caísse em cima todo.

Pois sabia que não existe homem puro sobre a terra. Todos carregam ovo e semente das trevas.

Mas a direção em que te voltas depois de caíres — essa importa.

Deus castigou-o, depois caminhou com ele adiante.

E desta linha saiu tudo o que se seguiu.

IX. SALOMÃO

• • •

Do pecado de David e Bate-Seba veio ao mundo Salomão.

O Senhor foi ter com ele em sonho e disse-lhe: pede o que quiseres e eu dar-to-ei.

Salomão pediu sabedoria.

Deus deu-lhe a sabedoria, e com ela Salomão obteve riquezas, poder, mulheres, tudo o que um homem pudesse desejar.

Salomão construiu o Templo de Jerusalém. Quando ficou pronto, entrou a Glória do Senhor no templo e os sacerdotes não puderam manter-se de pé.

Teve setecentas esposas e trezentas concubinas, pois os reis da terra enviavam-lhe as filhas para terem paz com ele.

Viu Lúcifer das trevas que Salomão era o mais sábio e o mais poderoso homem sobre a terra e pensou que se pudesse virá-lo, todos os que o seguiam se virariam com ele.

E enviou Lilith das trevas a soprar o seu espírito nas belas mulheres dos países vizinhos e encheu-as de encanto e de fogo e enviou-as a Salomão.

Vieram uma a uma, e cada uma carregava em si um pouco do espírito de Lilit, e Salomão tomou-as a todas, pois o fogo nele era grande e não se saciava.

E devagar, como a água que rói a pedra, viraram-no para os ídolos.

Salomão, o homem mais sábio que jamais viveu, não sentiu quando se virou. Nem um dia, nem um momento de rutura. A sabedoria ainda estava lá — as palavras, as leis, o livro. Tudo era verdade.

Mas já não era dele. Sabia o que era o bem e ia para outra coisa. Isso é algo pior do que a estultícia.

E uma manhã orava diante de altares estranhos e esquecera o rosto do Senhor.

Então irou ao Senhor e disse: por isto arrancarei o reino da mão do teu filho. E assim fez.

E entristeceu-se Deus pois acreditara que era homem de luz.

X. MARIA E JOSÉ

• • •

Viu Deus que o homem se afastava da luz e procurou sobre a terra a mulher mais pura nascida da estirpe dos homens.

E encontrou Maria, uma jovem de uma pequena aldeia, levada ao Templo pelos pais desde pequena e criada ali como virgem dedicada a Deus.

Quando chegou à idade de casar, os sacerdotes não sabiam o que fazer com ela — não podiam mantê-la no Templo, mas era tão dedicada a Deus que se ouviu em todo o território.

E ordenou o sumo sacerdote que todos os viúvos do território se reunissem e pediu-lhes que trouxessem cada um uma vara.

E partiu José, carpinteiro idoso de Nazaré, mas ainda com forças, para o templo.

Na noite antes de virem os viúvos, Deus enviou Gabriel a Maria e disse-lhe: levarás no ventre o Filho de Deus.

E tremeu Maria e disse: como pode ser isto, se eu não conheci homem?

Gabriel disse: o Espírito Santo virá sobre ti. O que de ti nascerá será Santo.

Vieram no dia seguinte os viúvos, um a um, e as suas varas ficaram mudas.

Caía a noite. Da multidão restavam uns poucos velhos.

O sacerdote olhou e viu um homem firme, de cabelo branco, rosto enrugado e olhar doce, e chamou-o a si com a vara.

José levantou-se com a vara na mão, fincou-a no chão e disse: santo sacerdote, eu não sou apto para a jovem virgem. Vim ao chamado da vossa santidade como ensinam os livros santos. Os meus anos e a minha condição não lhe oferecem futuro algum.

E então a vara floresceu e dela saiu uma Coruja Branca e voou para o ombro da Virgem Maria.

Então fez-se luz e o sumo sacerdote disse: não escolheste, foste escolhido.

Tomou José Maria na sua casa e protegeu-a e não a tocou.

E Maria aceitou sem perguntar mais.

José viu que estava grávida e, como homem justo, tomou trinta moedas de prata para lhas dar e partiu para a deixar em paz, para não a envergonhar.

Gabriel apareceu a José e disse-lhe: como crês que floresceu a vara? De onde voou a coruja?

Abalado, voltou e caiu de joelhos e começou a orar ao Senhor.

E assim teve José Maria na sua casa até que chegou o tempo de partir para Belém para o recenseamento.

XI. OS MAGOS E HERODES

• • •

E partiram quando Maria tinha pouco para dar à luz.

Partiram também três magos do oriente para Herodes, para lhe dizer da grandeza de Cristo, pois tinham visto que nascia um rei.

Perturbou-se Herodes e chamou os sacerdotes e os escribas e perguntou-lhes onde está escrito que nascerá.

Abriram os livros e leram neles antigos como o bolor e disseram aos magos que o caminho se lhes mostraria.

Herodes ficou sozinho depois que os escribas partiram. Contou os seus anos. Contou os seus filhos. Contou os seus exércitos. E temeu um menino em faixas mais do que qualquer exército.

Deu aos magos provisões para o caminho e dez moedas de prata por cabeça e pôs homens a seguir-lhes o rasto.

Conduziu-os a Coruja Branca perto de Belém. E naquela noite apareceu a estrela.

E conduziu-os ao menino Jesus, que estava nos braços da virgem, num estábulo, entre animais, pois não havia lugar para eles na cidade.

Iluminaram-se e deram ao menino:

> Ouro — para um rei.
>
> Incenso — para um deus.
>
> Mirra — para um morto.

Quando iam voltar a Herodes, vem o anjo Gabriel e diz-lhes que Herodes trai Cristo.

Os magos seguem a Coruja Branca e escapam de todos os que os perseguiam.

O anjo Gabriel diz a José que tome Maria com o menino e parta do território.

Herodes vê que os magos desapareceram e ordena que sejam mortas as crianças até dois anos dos judeus.

Herodes morre e Jesus volta com Maria e José a Nazaré.

XII. A VIDA

• • •

Cresceu Jesus em Nazaré, filho de carpinteiro, e ninguém sabia quem era.

Quando completou trinta anos, veio a João que batizava os homens no Jordão e pediu para ser batizado.

E disse João: eu é que preciso de ser batizado por ti e tu vens a mim?

E disse Jesus: deixa por agora.

Quando saiu da água, abriu-se o céu e a Coruja Branca desceu sobre ele e troou a voz do Senhor: este é o meu Filho amado.

E partiu Jesus para o deserto e jejuou e orou e meditou quarenta dias e quarenta noites, até que não restou nada dele.

Veio Lúcifer.

Disse-lhe: se és o Filho de Deus, faz destas pedras pão.

E disse Jesus: nem só de pão vive o homem.

E mostrou-lhe Lúcifer todos os reinos da terra e disse-lhe: teus se te prostrares diante de mim.

E disse Jesus: vai-te.

E foi-se Lúcifer por um tempo.

Voltou Jesus e foi ao Mar da Galileia.

E viu Simão e André seu irmão a lançar a rede à água.

Disse-lhes: vinde após mim.

E deixaram a rede e vieram.

Mais adiante viu Tiago e João no barco com o pai Zebedeu a remendar as redes.

E chamou-os.

Deixaram o barco e o pai e vieram.

Assim reuniu os doze — da margem, do banco de impostos, do campo — homens que mais ninguém teria escolhido.

E chamou cada um pelo nome e enviou-os dois a dois e deu-lhes poder de curar e de expulsar espíritos imundos.

Curou doentes e deu de comer às multidões e transformou a água em vinho nas bodas de Caná, pois a mãe lho pediu.

E veio Jesus a Betânia, à casa de Lázaro, e comeu à sua mesa e falou e ouviu.

Estava ali Maria irmã de Lázaro, que deixou todos os afazeres e veio e sentou-se aos seus pés e não se levantou mais.

Queixou-se Marta sua irmã: diz-lhe que me ajude.

E disse Jesus: Marta, preocupas-te com muitas coisas, mas uma só é necessária e Maria escolheu a boa parte.

Morreu Lázaro e Jesus tardou quatro dias, e quando veio, Maria caiu aos seus pés e chorou.

Chorou também Jesus. O único momento em que chorou.

E ressuscitou Lázaro.

Desde aquele dia Maria não se separou mais dele.

Havia na corte de Herodes uma mulher chamada Joana, esposa de Cusa, administrador do rei.

Vivia no palácio e na riqueza, e um dia ouviu falar de Jesus e veio e foi curada.

E deixou o palácio e a riqueza e seguiu-o e assistia-o com os seus bens e não pediu nada em troca.

Quando Jesus passava junto ao banco de impostos, viu Mateus a contar dinheiro.

E disse-lhe: vem após mim.

Levantou-se Mateus e veio.

Fez-lhe um banquete na sua casa e vieram publicanos e pecadores e escandalizaram-se os fariseus.

Um dia Jesus comia à mesa de um fariseu e entrou na casa uma mulher da cidade.

Todos sabiam quem era. Ninguém disse nada.

Trouxe um frasco de perfume caro e caiu aos seus pés a chorar e derramou o perfume sobre eles e enxugou-os com os cabelos.

Ninguém entendeu o que se passava ali. Que aquela mulher vivera pelo caminho de Lilit — livre, insubmissa, de ninguém.

Viera sozinha. E caíra sozinha. Sem que lho pedissem.

Escandalizou-se o fariseu em seu íntimo: se fosse verdadeiro profeta, saberia que mulher é esta.

E sabia. Por isso a deixou.

Disse Jesus: aquele a quem muito se perdoa, muito ama.

Disse-lhe: os teus pecados estão perdoados. Vai em paz.

E levantou-se Maria Madalena e não partiu nunca mais.

A primeira a romper com Lilith. E a última a deixar a cruz.

E subiu ao monte e falou:

> Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.
>
> Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
>
> Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.
>
> Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
>
> Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

As multidões ouviam, pois falava como quem tem autoridade, não como os escribas.

Entrou em Jerusalém sobre um jumento e a multidão pôs ramos de palmeira no caminho e gritou: hosana.

E naquela mesma tarde entrou no Templo e derrubou as mesas dos cambistas e disse: a casa de meu Pai casa de oração se chamará, e vós fizestes dela covil de ladrões.

Temeram os sacerdotes e começaram a procurar como matá-lo.

XIII. A CRUCIFICAÇÃO

• • •

Na última tarde reuniu os doze à mesa.

Tomou o pão e partiu-o e deu-o e disse: este é o meu corpo.

Depois tomou o cálice e disse: este é o meu sangue derramado por muitos.

Depois disse: um de vós me venderá.

E olharam uns para os outros e não sabiam de quem falava.

E disse Pedro: eu nunca te deixarei.

Depois disse Jesus: antes que o galo cante três vezes, me negarás.

Saiu Judas da mesa na noite e foi aos sumos sacerdotes e disse-lhes: quanto me dais se vo-lo entregar?

Contaram trinta moedas de prata.

Tomou Judas as moedas e esperou a hora.

Foram ao jardim do Getsémani, Jesus com os discípulos, e disse: ficai aqui e vigiai.

Depois foi mais adiante sozinho e caiu com o rosto em terra e orou: Pai, se é possível, passe de mim este cálice. Mas não como eu quero, senão como tu queres.

E voltou e encontrou-os a dormir.

Uma segunda vez. Uma terceira vez. Dormiam.

Disse o Senhor: dormi. Chegou a hora.

Quando Judas entrou no jardim com soldados e com archotes.

Aproximou-se de Jesus e beijou-o.

E prenderam-no.

Então fugiram os doze. Todos.

Levaram Jesus aos sumos sacerdotes e estava Pedro fora no pátio, junto ao fogo.

Onde disse uma criada: também este estava com ele.

E disse Pedro: não o conheço.

Uma segunda vez. Uma terceira vez. E o galo cantou.

Saiu Pedro fora e chorou amargamente.

Quando Judas viu que Jesus recebia a condenação, atirou as moedas no templo.

E disse: vendi sangue inocente.

E enforcou-se.

Apanharam os sacerdotes as moedas do chão e disse um: não é lícito metê-las no tesouro, pois são preço de sangue.

E disse outro: nem para os vivos podemos gastá-las.

Acordaram entre si e compraram com elas um campo para sepultura dos sem nome.

E aquele lugar chamou-se o Campo de Sangue.

A Jesus levaram-no a Pilatos.

E disse Pilatos: não acho culpa alguma neste homem.

Mas as multidões gritaram: crucifica-o.

E Pilatos lavou as mãos.

Tomaram-no os soldados e açoitaram-no.

E puseram-lhe um manto vermelho e trançaram uma coroa de espinhos e puseram-lha na cabeça.

Batiam-lhe e diziam: saudamos-te, rei dos judeus.

E cuspiam-lhe.

Puseram-lhe a cruz às costas e levaram-no ao monte.

E caiu.

Obrigaram um homem da multidão, chamado Simão de Cirene, a levar a cruz atrás dele.

E crucificaram-no entre dois ladrões.

Disse um: se és o Filho de Deus, desce da cruz.

E disse o outro: nós recebemos o que merecemos. Este homem não fez mal algum.

E disse a Jesus: lembra-te de mim quando vieres no teu reino.

Disse Jesus: hoje estarás comigo no paraíso.

Fizeram-se trevas sobre toda a terra ao meio-dia e duraram três horas.

Clamou Jesus em alta voz: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

E tremeu a terra e as pedras fenderam-se e os sepulcros abriram-se.

Depois disse: está consumado.

E entregou o espírito.

As multidões dispersaram-se.

E os doze não se viam por parte alguma.

Ficaram as mulheres.

E estavam Maria sua mãe e Maria de Betânia e Joana e Maria Madalena diante da cruz e choravam e oravam.

XIV. A DESCIDA

• • •

Rasgou-se o véu do altar.

O véu do templo estava rasgado em dois de cima a baixo. As rochas fendidas. Os sepulcros abertos.

As santas compraram aromas e contaram as horas.

Os apóstolos não se viam, não se ouviam, não se sabia deles.

Pedro estava nalgum lugar sozinho e chorava de vergonha.

Sábado de manhã foram os sumos sacerdotes e os fariseus a Pilatos, pois o ensinamento sabiam-no os inimigos quando aos discípulos as trevas lhes tinham tirado o juízo.

E disseram: aquele impostor disse que depois de três dias ressuscitaria. Dá-nos guarda no sepulcro.

Pilatos disse: tendes guarda. Ide.

Puseram o selo de Pilatos sobre a pedra e montaram guarda.

• • •

Por baixo, na Terra, estavam as trevas de antes da criação do mundo.

Ali estavam os demónios, todos os que haviam caído desde o princípio.

E estavam os mortos desde Adão em diante, à espera de algo para o qual não tinham nome.

Abraão sentia há séculos. Moisés contava sem saber o que contava. David cantarolava num sussurro o salmo que escrevera há muito tempo: Levantai-vos, portas eternas, e entre o Rei da glória.

• • •

Desceu Jesus para o abismo e chegou à água do Sábado.

> Viu-o o barqueiro e iluminou-se e disse: vieste tu, filho de deus, ver-me?
>
> Disse Jesus: quero atravessar o Sábado.
>
> Disse o barqueiro: bem. Ofereces ouro?
>
> Disse Jesus: ofereço glória.
>
> Disse o barqueiro: ofereces incenso?
>
> Disse Jesus: ofereço amor.
>
> Disse o barqueiro: ofereces mirra?
>
> Disse Jesus: ofereço lugar no reino dos céus.
>
> Disse o barqueiro: queres oferecer prata?
>
> Disse Jesus: ofereço perdão.
>
> Disse o barqueiro: filho dos deuses, com a tua grandeza vira-se o barco.

E pôs Jesus na palma dele ouro e incenso e mirra.

O barqueiro ficou imóvel.

Ouro deviam os reis. Incenso deviam os deuses. Mirra deviam os mortos.

E ele era escravo desde a criação do mundo e nunca vira alguém que devesse os três.

Atravessou-o o barqueiro em silêncio.

Quando chegou à outra margem, disse Cristo: ressuscitou!

O Pai respondeu dos céus: Verdadeiramente ressuscitou!

Voltou o barqueiro com o barco à outra margem e atrás dele fez-se uma ponte sobre o Sábado.

Largou o remo e subiu com os anjos aos céus.

• • •

Pôs-se Jesus de joelhos à beira do abismo e orou e meditou.

Na terra o seu coração estava parado e o corpo frio.

No abismo o seu coração estava quente e a mente fria.

E fazia como pensava e pensava como fazia.

O abismo era antigo. Mais antigo do que a luz. Mais antigo do que qualquer nome.

Desde a criação do mundo alimentara-se do sopro de Deus no homem, pouco a pouco, de cada mortal.

E agora o Senhor estava diante dele.

O calor deixou as suas mãos primeiro. Sentiu. Não se mexeu.

Ficou em oração enquanto o abismo puxava. O branco dos olhos apagou-se devagar. A voz tornou-se mais pequena. Depois só lábios.

As pedras da cidade do abismo riam num sussurro. Os demónios olhavam sem se mexer.

Tinham visto isto — o Abismo engolira a primeira luz que viera a ele e todas as que vieram depois. Tinham paciência.

Se destruísse o abismo, os justos de dentro pereciam, e os malvados e sem piedade que vinham ficavam nas trevas de antes da luz.

E o Senhor não quis deixá-los no deserto.

Orava. Meditava. Secava.

Veio o demónio.

Disse: olha para eles. Prostra-te diante de mim e faço-te rei sobre os justos dos abismos.

Não disse nada.

Disse o demónio: secas de qualquer maneira aqui. O abismo engole-te, prostra-te diante de mim e vem ao meu reino tomar o trono!

Ficou em silêncio e em secura e em oração.

Esperou o demónio. E a pedra esperou. E o abismo esperou.

E o Senhor levantou-se e foi à cidade.

E levaram-no ao meio do inferno para o mostrar como presa.

E então aconteceu algo que o abismo não soubera esperar.

Nasceu a luz do meio do abismo e não era luz que arde devagar.

Era o Rei dos céus e as trevas quebravam-se.

Era luz que fez tremer cada prego, cada pedra, e disseram os demónios: Cristo Ressuscitou!

E tomou a chave e trancou os demónios lá dentro.

E os anjos dos céus disseram: Verdadeiramente Ressuscitou!

E a chave guardou-a o Senhor.

Cristo reuniu os justos para lhes mostrar o reino do Paraíso, e gritavam: Cristo Ressuscitou!

E os malvados e sem piedade gritaram: Verdadeiramente Ressuscitou!

• • •

Um homem abre a porta e o pai morto está no limiar. Reconhece-o. Não falam.

Faz o sinal da cruz e diz: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Glória à grandeza do Senhor.

Um coveiro caminhava pela rua para casa. Reconheceu à frente um homem que caminhava e olhava para as casas. Enterrara-o três dias antes. Era aquele rosto na cova e agora caminhava pela rua.

Fez o sinal da cruz e disse: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Glória à grandeza do Senhor.

Noutra parte da cidade uma velha estava à porta da sua casa. Pela rua brincava uma menina. Morrera pequena. Era sua irmã. Conhecia aquele andar, conhecia aquele rosto.

E fez o sinal da cruz e disse: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Glória à grandeza do Senhor.

Muitos viram naquela noite e naquele dia aqueles que tinham enterrado.

Muitos não disseram nada a ninguém.

E muitos falaram e ninguém lhes acreditou.

XV. A RESSURREIÇÃO

• • •

Os guardas estavam no sepulcro com archotes e com o selo de Pilatos sobre a pedra.

E a terra tremeu.

Desceu um anjo do céu e veio à pedra e derrubou-a e sentou-se sobre ela. O seu rosto era como o relâmpago e as suas vestes brancas como a neve.

Caíram os guardas por terra como mortos.

Quando voltaram a si, o sepulcro estava vazio.

Olharam uns para os outros. Olharam para a pedra derrubada. Olharam para o selo de Pilatos quebrado.

Não tinham dormido. Não se tinham mexido. Não viera ninguém.

Foram diretamente aos sumos sacerdotes e contaram-lhes tudo.

Ouviram os sumos sacerdotes e aconselharam-se e contaram muito dinheiro e deram-no aos guardas e disseram: dizei que os seus discípulos vieram de noite e o roubaram enquanto dormíeis.

E os guardas tomaram o dinheiro e disseram o que lhes mandaram.

• • •

Ao amanhecer do primeiro dia da semana veio Maria Madalena ao sepulcro, sozinha, no escuro, com aromas na mão.

Viu a pedra derrubada.

Deixou os aromas no chão e correu atrás de Pedro e João.

Voltou com João. Chegou primeiro e parou à entrada. Pedro entrou direto.

As ligaduras no chão. O sudário do rosto enrolado à parte e posto de lado.

Foram-se e não sabiam o que pensar.

Madalena ficou sozinha no sepulcro e chorava.

Inclinou-se a olhar para dentro e viu dois anjos de branco sentados onde estivera o corpo.

Disseram os anjos: mulher, por que choras?

Disse ela: levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram.

Voltou-se e viu alguém ali de pé.

Julgou que fosse o jardineiro.

Disse ele: mulher, por que choras? A quem procuras?

Disse ela: se tu o levaste, diz-me onde o puseste e eu levo-o.

Disse ele: *Maria.*

Parou.

Não porque ouviu um nome. Os jardineiros não dizem o teu nome assim. Ninguém diz o teu nome assim. Como se te conhecesse antes de seres, como se te chamasse de algo em que te tinhas perdido. Parou e o conhecimento veio antes da visão. Voltou-se e caiu.

Correu Madalena e disse-o às outras. Vieram Maria de Betânia e Joana.

E encontrou-as Jesus no caminho e disse-lhes: não temais.

Maravilharam-se, choraram, prostraram-se e tornaram a maravilhar-se.

E disse-lhes:

> *Virá o homem com a luz interior que se vê na noite. Eu mostro-vo-lo. Quando o virdes, sabereis que é homem do meu reino.*
>
> *Pois ele e os seus devem assegurar que o homem lavre a terra.*
>
> *E os meus eleitos com a luz interior põem semente para a Minha Segunda Ressurreição.*
>
> *E que ouçam de Mim, do Pai e do Espírito Santo.*
>
> *A criação espera-os.*

As mulheres ouviram e compreenderam a tarefa que o Senhor lhes dera.

• • •

Tomé não acreditava. Oito dias depois Jesus apareceu de novo.

Disse Jesus: põe o teu dedo aqui. Põe a tua mão no meu lado.

Tomé caiu: Senhor meu e Deus meu.

No Mar da Galileia pescaram toda a noite e não apanharam nada.

De manhã alguém gritou da margem: lançai a rede à direita.

Lançaram e não a podiam puxar pela multidão de peixes.

João reconheceu-o primeiro: é o Senhor.

Pedro atirou-se à água.

Na margem, peixe e pão sobre o fogo.

XVI. A ASCENSÃO

• • •

Quarenta dias apareceu e comeu com eles e falou do Reino de Deus.

Chamou-os a todos ao Monte das Oliveiras.

Esteve diante deles e olhou-os um a um.

E disse aos apóstolos:

> *Aquele que se perdeu virá. Não o conhecereis. Estará longe de vós e contra vós. Ameaçará e matará os que me amam. E a ele escolherei. Pois o que o homem estragou será endireitado e permanecerão o conhecimento e a graça.*
>
> *Pois no Reino dos céus, aqueles a quem o Senhor se mostra e o recebem na alma, são bem-vindos.*
>
> *E depois deles virão outros, pois reuniram-se as senhoras por vontade do Rei e abençoou-lhes a casa.*

Não compreenderam.

Ergueu as mãos e abençoou-os.

E enquanto os abençoava, elevou-se.

Apareceram dois anjos de branco junto a eles e disseram: varões galileus, por que estais a olhar para o céu? O mesmo Jesus que ascendeu voltará do mesmo modo.

Voltaram a Jerusalém.

E gritaram: Cristo Ascendeu!

E do céu troou, relampejou, e depois cantou: Verdadeiramente Ascendeu!

XVII. ABEL

• • •

Saulo de Tarso, chamado também Paulo, cidadão romano e hebreu da tribo de Benjamim.

Crescera sob Gamaliel, o maior rabino do seu tempo, conhecia a lei melhor do que ninguém e guardava a lei mais retamente do que ninguém.

Na morte de Estêvão — o primeiro homem morto por Cristo — Saulo estava e guardava as vestes dos que atiravam pedras e olhava e aprovava.

E ia de casa em casa e arrastava os cristãos para a prisão.

Pediu cartas aos sumos sacerdotes e partiu para Damasco para os prender também ali.

Pelo caminho, ao meio-dia, caiu uma luz do céu mais forte do que o sol e mais forte do que tudo o que alguma vez vira.

Caiu o romano por terra.

Os que iam com ele ouviram a voz, mas não viram ninguém.

E ouviu:

> *Saulo, Saulo, por que me persegues?*

Disse com o rosto em terra: quem és, Senhor?

> *Eu sou Jesus a quem tu persegues. Duro te é dar coices contra o aguilhão.*

Disse Saulo: Senhor, que queres que eu faça?

> *E disse o Senhor: Levanta-te e entra na cidade. Pois de agora em diante chamas-te Abel, como o primeiro que morreu sem culpa.*

Então correu água.

E tomaram-no e levaram-no ao leito de sofrimento.

Três dias não viu. Três dias não comeu. Três dias não andou.

E veio a Coruja Branca.

Tomou-o pela nuca e levou-o a Maria.

Pôs-lhe as mãos sobre os olhos.

E disse-lhe: nasceste Saulo.

E devolveu-lhe a vista.

Levou-o a Coruja a Joana.

Pôs-lhe as mãos sobre a garganta.

E disse-lhe: os romanos chamaram-te Paulo.

E devolveu-lhe a voz e o ouvido.

Levou-o a Madalena.

Madalena pôs-lhe as mãos sobre as mãos e sobre os pés.

E disse-lhe: o Senhor disse-te Abel.

E devolveu-lhe as mãos e os pés.

Correu água, rios no deserto.

E deixou Abel tudo e partiu para Damasco.

• • •

A pé, pela Ásia, pela Macedónia, pela Grécia, por Roma.

Cinco vezes açoitado com trinta e nove golpes.

Três vezes batido com varas.

Uma vez apedrejado e deixado por morto na estrada.

Três vezes naufragou.

Uma noite e um dia no mar alto.

Preso em Filipos. Em Cesareia. Em Roma.

E de cada prisão orou e meditou.

• • •

E antes que Nero lhe tirasse a cabeça disse:

Combati o bom combate.

Acabei a carreira.

Guardei a fé.

Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém.

Não me deixarei dominar por nada.

E o Senhor tirou-o da condenação e deixou Paulo em seu lugar.

Calou-se Paulo quando fechou os olhos e subiu ao reino do Senhor.

E do seu sangue correu água, e no cepo onde lhe cortaram a cabeça cresceu um ramo com flores.

Ficou Abel puro como o branco das manhãs para fazer a obra do Rei.

Para levar o homem à terra fértil na margem do mar sem frio sem inverno.

• • •

> Quem tem a luz vê-se na noite e ao mais pequeno raio de estrela.
>
> Quem não tem luz mesmo com a lua é um só com a noite.

Abel disse que fizessem os soldados para a obra tal como o Senhor lhe ensinara.

E deixou o livro do dia, o livro da noite e o livro da terra para que saiam a ver, a saber e a compreender os eleitos de Cristo.

Pois viu o Senhor que os fracos caem em pecado e os malvados são o pecado em si, e no reino do Senhor só aos justos lhes é prometido o amanhã.

XIX.

• • •

E fez Abel a obra do Senhor segundo as escrituras.

E os que trabalharam com ele estão com a alma pura e o coração leve.

Pois a luz encheu-lhes a alma e das almas e da carne deles nasceram os rebanhos do Senhor.

E alguns carneiros tiveram também a luz.

E a terra encheu-se de homens e os homens encheram-na de barulho.

Sobre o barulho fizeram-se trevas e da sua fraqueza começaram a perecer.

E viu Abel e foi dizê-lo ao Senhor.

• • •

> O mudo canta da varanda e os que ouvem não dizem nada.
>
> Quando o inimigo entra na cidade para derrubar o Seu trono, o que está sentado no trono manda a cavalaria sobre os cofres ao fim do mundo para engordar o nada.
>
> O ouro fica leve como o floco no vento e o pão pesado como as pedras de moinho.
>
> Os homens esqueceram Deus e todavia prostram-se e fazem ídolos ou esculpem-se a si mesmos para se adorar.
>
> A justiça está no alforge de quem a compra.
>
> O homem esquece para que recebeu as mãos do Senhor.
>
> As crianças crescem sem saber o que são.

A terra grita de cansaço e ninguém a ouve.

E se vires que se atam e se roem uma, todas ou muitas, sabe, Abel, que vêm os cavaleiros.

• • •

O branco com o arco flecheia-te se fogires para o Senhor.

O vermelho com a espada para molhar a terra com o sangue do homem.

O negro com a balança para assustar o ventre e as mandíbulas atrás dos filhos do homem.

O pálido que caminha com o inferno às costas e tira dos homens sem sorte e sem conta.

E o homem com a luz interior toma os justos e vão combater, e o Senhor dá-lhes poder e a espada torna-se cada vez mais cortante e as setas cada vez mais afiadas.

E quando os eleitos saem com os justos à luz, venho e abençoo-os, pois deles ficou a Terra de Mim pelos séculos dos séculos.